



UFSM

Artigo Monográfico

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Nívia Maria Martins Ferrari

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

São Borja, RS, Brasil

2007

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

por

NIVIA MARIA MARTINS FERRARI

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial:
Déficit Cognitivo e Educação de Surdos,
Do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria em convênio com
a Fundação Áttila Taborda – URCAMP –Campus de São Borja/RS,
Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

São Borja, RS, Brasil

2007

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação - Especialização em Educação Especial:
Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
Aprova o Artigo Monográfico de Especialização

**ARTIGO: O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Elaborada por
NIVIA MARIA MARTINS FERRARI

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Ms. Andréa Tonini
(Presidente/Orientador)

Maria Alcione Munhoz

Eliana Pereira de Menezes

São Borja
2007

“Educar é acreditar na vida
e ter esperança no futuro,
mesmo que os jovens nos
decepçionem no presente.”

AUGUSTO CURY

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial:
Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

AUTORA: NIVIA MARIA MARTINS FERRARI
ORIENTADORA: ANDRÉA TONINI,
SANTA MARIA

A escola tem como papel fundamental, desenvolver as potencialidades de seus educandos, incentivando o senso crítico, a responsabilidade social, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, vinculada à liberdade e a solidariedade humana. Atualmente para atingir estes objetivos, fazem-se necessárias algumas mudanças na escola e no sistema de ensino. Esta pesquisa de campo tem por objetivo analisar a realidade escolar, buscando compreender como os professores estão atuando e vivenciando a educação inclusiva, que garante o direito ao acesso e permanência de todos os alunos, inclusive aqueles com necessidades especiais nas classes comuns de escolas regulares. As indagações são inúmeras e para atendê-las realizou-se uma entrevista semi-estruturada (anexo roteiro) com duas professoras (X e Y) de uma escola da periferia de São Borja/RS. Porém a prática cotidiana nem sempre condiz com a teoria, ou seja, os conhecimentos adquiridos na vida escolar, devem ser associados à concepção de uma educação transformadora, que proporcione a autonomia e a desalienação, porém os educadores, encontram dificuldades na efetivação das práticas pedagógicas, por não possuírem apoio de profissionais especializados. A inclusão escolar de todos os indivíduos só será efetivada quando houver um engajamento e a participação de toda a comunidade escolar inserida (pais, alunos, professores, direção e funcionários). Ao compreender melhor a dinâmica da sociedade em que o aluno vive, este poderá perceber-se como elemento ativo, com capacidade de viabilizar um modelo de sociedade mais justa e solidária.

Palavras chaves: Educação inclusiva, Déficit Cognitivo, Aprendizagem.

ABSTRACT

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

**ARTIGO: O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

AUTOR: NIVIA MARIA MARTINS FERRARI
ORIENTADOR: ANDRÉA TONINI,
SANTA MARIA

The school has the leading role, develop the potential of their students, encouraging the sense critical, social responsibility, the exercise of citizenship and the qualification for the job, linked to freedom and human solidarity. Currently to achieve these goals, there are some necessary changes in the school and in education. This research has the goal of field examine the reality school, seeking to understand how the teachers are working and living inclusive education, which guarantees the right to access and permanence of all students, including those with special needs in regular classes of common schools. The questions are many and give them held to be a semistructured interview (Annex roadmap) with two teachers (X e Y) of a school of the outskirts of São Borja/ RS. But the daily practice not always consistent with the theory, or the knowledge acquired in school life, should be associated with the design of a education sector, which provides the autonomy and the desalienação, but the educators, are difficulties in the implementation of teaching practices, do not have support of specialized professionals. The inclusion of all school subjects will be effective only when there is engagement and the participation of the entire community into school (parents, students, teachers, management and employees). To better understand the dynamics of the society in which the student lives, it may see itself as an active, with the ability to make a model of society more just and solidarity.

Keywords: Education inclusive, Cognitivo Déficit, Learning.

INTRODUÇÃO

Muito tem se falado sobre as dificuldades de aprendizagem que as crianças enfrentam na escola, os motivos que levam as mesmas a fracassarem e o papel fundamental da família. Mas, qual é o papel da escola? O que ela pode fazer para ajudar seus alunos? Qual a função do professor, da coordenação pedagógica e outros membros da equipe escolar?

Considerando que a escola deveria ser um lugar onde as crianças sentissem vontade de estar, e acima de tudo, um lugar que possibilitasse a construção do conhecimento e a aprendizagem, temos nos perguntado, por que ela tem-se constituído como um dos fatores causais das dificuldades de aprendizagem dos alunos? Levando-se em consideração que as crianças só apresentam dificuldades de aprendizagem na escola, questionamos se os problemas são de aprendizagem ou de “ensinagem” (modo como se realizam a transmissão e construção dos conhecimentos).

Com este estudo, pretendeu-se abordar o tema inclusão escolar e a importância da família e da escola no processo de ensino-aprendizagem das crianças, nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

Há alguns anos atrás era considerado utópico para uma grande parcela de indivíduos ligados direta ou indiretamente a educação, discutir a possibilidade de educar todos os alunos, incluindo aqueles com deficiências permanentes, nas classes comuns das escolas regulares. No entanto, a sociedade evoluiu, não permaneceu estática, favorecendo assim, a mudança do modo de pensar e de agir das pessoas, contribuindo para que os direitos e deveres dos indivíduos sejam efetivados.

Segundo Stainback e Stainback, (1999, p.30), "(...) todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência, devem ter o direito de freqüentar a escola do seu bairro, que deve estar adaptada às necessidades da diversidade de seus alunos".

Durante várias décadas, a pessoa que apresentasse "déficit cognitivo" era encaminhada ao médico, cujo diagnóstico era aguardado pela família e pela escola, para confirmar ou não a sua dita "normalidade". Para estas pessoas, o aluno era dotado tão somente de inteligência, desprovido de corpo, emoção e sentimento. Assim, esta criança, distante dos padrões de competência foi, até a bem pouco tempo, vítima de um julgamento equivocado e parcial.

Essa concepção modificou-se ao longo dos anos, em decorrência, principalmente dos avanços nas pesquisas neurológicas, comprovando a plasticidade do cérebro que, mesmo lesado, tem condições de reconstituir-se e garantir seu funcionamento; bem como da Psicologia, em especial a Psicanálise, que contribuiu significativamente no sentido de colaborar para que a criança seja considerada como um sujeito dotado de sentimentos e desejos, que desde a vida intra-uterina influenciam no seu comportamento. A Pedagogia, também, acabou por reavaliar a sua prática, investigando mais profundamente a relação ensino-

aprendizagem e desenvolvimento. E, todos esses profissionais, atuando integralmente, deram um novo impulso à problemática.

Observa-se nas escolas, que durante o ano letivo, professores e pais se deparam com situações em que alunos e filhos apresentam dificuldades em aprender e não sabem lidar com estas dificuldades. Desconhecendo as causas destas dificuldades, professores e pais, inibem, bloqueiam esta criança, prejudicando seu processo de ensino aprendizagem.

A escola abordada neste trabalho situa-se num bairro da periferia de São Borja/RS. Ela possui 10 salas de aula, biblioteca, sala de informática (sem professor responsável), sala de áudios visuais e banco do livro, que visam proporcionar um ambiente favorável às aprendizagens de seus educandos. Além destas, possui ainda sala dos professores, direção e vice-direção, supervisão escolar, orientação educacional, secretaria e um amplo refeitório (proporcionando merenda aos alunos que freqüentam a escola nos três turnos). A escola atende os alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, na parte da manhã; pré-escola e 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, no turno da tarde e à noite, funciona na instituição a EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A instituição possui como clientela, cerca de 570 alunos que residem no bairro e proximidades. Entre estes, existe uma média de 75 educandos com diferentes necessidades especiais, tais como: deficiências físicas (cadeirante), auditivas, visuais, mentais, hiperatividade, déficit de atenção, desvio de conduta e distúrbios depressivos.

Esta pesquisa foi desenvolvida entre os meses de abril a setembro de 2007, e para a sua concretização, buscou-se embasamento teórico de diferentes autores como Stainback e Stainback (1999), Fonseca (1995), Assumpção (2000) e Martins (2006).

REFLEXÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA

A educação é um direito dos seres humanos. Assim, ao incluir os educandos, as escolas têm a incumbência de modificar seu funcionamento para melhor atender às diferentes necessidades. A escola tem por tarefa acolher a diversidade dos alunos, proporcionando uma cultura comum a todos respeitando suas especificidades e necessidades individuais.

Para construirmos uma escola inclusiva, que promova aprendizagens significativas a todos os alunos, Stainback e Stainback (1999, p.70), afirmam:

O primeiro e talvez o principal passo para a criação de uma escola inclusiva de qualidade é estabelecer uma filosofia da escola, baseada nos princípios democráticos e igualitários da inclusão, da inserção e da provisão de uma educação de qualidade para todos os alunos.

Os planejamentos, discussões que visam reformar as escolas devem incluir todos os membros da comunidade escolar (pais, alunos, professores, direção e funcionários), pois a escola só funciona bem, se todos os seus segmentos estiverem engajados numa mesma proposta educacional. Martins (2006), também concorda com a importância do envolvimento dos vários elementos que compõe a escola, do porteiro ao diretor, no processo inclusivo, pois todos estão envolvidos direta ou indiretamente no processo ensino-aprendizagem.

Durante muito tempo, os alunos com necessidades especiais e seus familiares eram excluídos do planejamento de uma proposta pedagógica inclusiva na escola. Conforme revela a breve retrospectiva histórica de indivíduos com deficiência temporária ou permanente na sociedade.

Segundo Assumpção (2000), na Antiguidade, as pessoas com deficiência não tinham nem se quer direito de viver. Na Idade Média elas começaram a ganhar proteção da Igreja, porém recebiam castigos, eram tidas como “bobos da Corte”.

Com o decorrer do tempo, surgiram os hospitais psiquiátricos, os asilos. Já na Idade Moderna, vem a segregação desses indivíduos (em conventos, asilos, albergues, hospitais psiquiátricos), sem tratamento especializado. Também surgiram os “Programas Educacionais”, (idéias humanistas) e a deficiência começou a tomar uma nova dimensão. Ela foi vista como uma patologia (ramo da medicina que estuda a origem, a natureza e os sintomas da doença).

Na Idade Contemporânea, surgiram as escolas especiais, com isso, as pessoas com necessidades especiais passaram a ser consideradas cidadãos, porém, sob uma ótica assistencialista. Em 1948, foi criada a “Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Nos anos 60, surgiram as críticas a segregação, defesa da normalização e integração, conquistando-se o direito de ser diferente, onde o aluno se adapta à escola. A LDB 4024/61 (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional) recomenda que a “educação de excepcionais” deveria ser preferencialmente em classe regular do ensino comum.

Ao longo do século XX, a sociedade brasileira, suas agências formadoras e seus agentes empregadores regeram-se por padrões de normalidade. As pessoas com deficiência eram naturalmente compreendidas como fora do padrão social. O descaso dos governos favoreceu o desenvolvimento das instituições segregadoras, principalmente as educacionais. Para Assumpção (2000, p. 7), “(...) a questão custo-benefício passa a ser vista de forma mais pragmática, já vez que os estados modernos passam a querer investir seu dinheiro em indivíduos capazes de produzir”.

Os amigos e familiares de pessoas com deficiência se mobilizaram, já que as medidas governamentais quando existiam, eram concebidas de maneira diferente, apartada em relação às políticas gerais. As classes especiais foram criadas pelo próprio Estado, que replicou seu modelo no interior de uma escola comum, gerando assim, um ambiente segregador.

Nos anos 90, com a Declaração de Salamanca (1994), a atenção às pessoas com deficiência na educação, ganhou uma nova dimensão. A escola se adapta ao

aluno, sendo o novo desafio. A Inclusão e a Aprendizagem dos alunos com Déficit Cognitivo nas séries iniciais caminham na mesma direção.

Quando existe a inclusão, a aprendizagem acontece. A aprendizagem ocorre a partir das aquisições cognitivas do educando, isso significa que o aluno aprende através da sua própria ação. Ele se torna sujeito do estudo, ou seja, o objeto direto do seu próprio saber. O processo intelectual da criança se faz graças ao acúmulo gradual de representações das coisas.

Sendo assim, a escola é o meio indispensável ao desenvolvimento global da criança. A finalidade da escola é oferecer ao educando, métodos e técnicas variadas, visando o aperfeiçoamento de suas habilidades e potencialidades. O aluno só vai conseguir aprender no momento em que se sentir parte de um todo, ou seja, quando houver a inclusão. Para isso, é necessário transformar a escola, começando por desconstruir práticas excludentes e segregadas.

A inclusão significa um avanço educacional com importantes repercussões políticas e sociais, visto que não se trata de adequar, mas de transformar a realidade das práticas educacionais. Assim, há necessidade de ruptura total da prática educativa. A escola precisa assumir uma postura de desconstrutora de igualdades, visando incluir aqueles que vêm sendo excluídos. Para Stainback e Stainback (1999 p. 44),” (...) O distanciamento da segregação facilita a unificação da educação regular e especial em um sistema único”.

Ao analisar a atual situação sobre a inclusão na escola pesquisada, a professora X nos alegou em sua entrevista que leciona na 1ª série do Ensino Fundamental, numa turma de vinte e cinco alunos. Entre estes educandos encontram-se incluídas três crianças com necessidades especiais (um aluno é cadeirante, e os outros dois têm sérios comprometimentos auditivos). Segundo o pensamento de Vandercook, Fleetham, Sinclair e Tetlie (1988, apud Stainback e Stainback, 1999, p.22),

Nas salas de aula integradas, todas as crianças enriquecem-se por terem a oportunidade de aprender umas com as outras, desenvolvem-se para cuidar umas das outras e conquistam as atitudes, as habilidades e os valores necessários para nossas comunidades apoiarem a inclusão de todos os cidadãos.

A professora Y trabalha com a 2ª série, numa turma de vinte e três alunos. Destes, nove necessitam de atendimento e acompanhamento diferenciados por apresentarem: Hiperatividade, Déficit de atenção, Transtornos de conduta, além dos transtornos de leitura e escrita. Ao ser questionada sobre o que pensa da Inclusão, alegou:

Sabe-se que a legislação garante o apoio de profissionais especializados para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, porém, estas leis são muito bonitas no papel, pois na realidade escolar ela não se efetiva. As mantenedoras, com o objetivo de reduzir gastos não proporcionam para as escolas esses profissionais de apoio. Assim, toda a responsabilidade pela educação inclusiva e de qualidade prestada pela escola é realizada pelo professor em sala de aula. Nossos professores estão cada vez mais acumulando funções, além de educador, é orientador, psicólogo, pai ou mãe, médico, e os pais, muitas vezes ainda vêm exigir que sejamos babás de seus filhos.

A metodologia da escola deve ser adequada, para envolver todos seus alunos. E no momento em que surgir algum problema com algum aluno é importante que haja uma mobilização por parte da escola, a fim de que solucionem a possível dificuldade. A escola deve esforçar-se para a aprendizagem ser significativa para o aluno. Com isso todos têm a ganhar: a escola, a família e principalmente o/a aluno (a). O próximo passo da escola deve ser a realização de um trabalho de intercâmbio com os pais, incentivando a ruptura da idéia de que a educação formal se dá somente na escola.

Segundo a professora Y,

"Hoje em dia os pais querem tudo pronto. Chegam na escola e querem saber se o filho está no mesmo ritmo do outro, não se preocupam com o processo de ensino-aprendizagem e os fatores que interferem no mesmo. Se não estiver aprendendo, ele castiga a criança. Esse tipo de atitude deve ser mudado".

O sistema educacional está excessivamente burocratizado e prejudicado por um grande número de carências, atrasos e erros estruturais. Por outro lado, o modelo vigente de ensino, criado há centenas de anos, mostra-se cada vez mais obsoleto e limitado na sua capacidade de resposta perante os novos desafios. Os programas de ensino estão alheios às necessidades do novo papel da sociedade globalizada. As metodologias de ensino não atraem o interesse dos alunos, dificultando o processo educacional.

Para Fonseca (1995, p. 367),

A escola não pode continuar a ser uma fábrica de insucessos. É preciso determinar exaustivamente as deficiências no sistema educacional e posteriormente pensar num conjunto de ações para corrigir tal perigosa e dramática tendência. Na escola, a criança deve ser estimulada (amada), pois só assim se poderá considerar útil. Professores e alunos devem aprender a se respeitar e a se ajudarem mutuamente, combatendo antagonismos, no sentido de resolverem cooperativamente os inúmeros problemas sociais e educacionais que se lhe deparam.

A aprendizagem como o centro das atividades escolares e o sucesso dos alunos, como a meta da escola, independentemente do nível de desempenho a que cada um seja capaz de chegar, é condição de base para que se caminhe na direção de escolas acolhedoras. O sentido desse acolhimento não é o da aceitação passiva das possibilidades de cada um, mas o de serem receptivas a todas as crianças, pois as escolas existem para formar as novas gerações, e não apenas alguns de seus futuros membros, os mais privilegiados.

Ao perguntar a professora X, sobre o que ela entende sobre inclusão, ela nos afirma:

“Que Inclusão é muito mais do que matricular os filhos com deficiência nas escolas ditas regulares. É preciso proporcionar o apoio necessário para garantir uma educação de qualidade para todos os alunos, independente de classe social, cor, raça ou credo religioso. Nosso sistema de ensino ainda está longe de oferecer a educação inclusiva, apesar de já estar engatinhando para esse sentido”.

Ao questionar se ela sente-se preparada para trabalhar as diferenças em sala de aula, respondeu:

“Busco atualizar-me sempre que possível for, participo de palestras, seminários, grupos de estudo e leio bastante sobre o assunto, mas seguidamente me deparo com situações em que fico sem saber como agir, de que maneira proceder. Mas dentro de minhas possibilidades procuro trabalhar com diferentes técnicas e metodologias, buscando atender as necessidades de todos os meus alunos”.

A professora Y também alegou que busca atualização profissional sempre que pode, mas os cursos e seminários são caros e nem sempre é possível participar destes encontros.

Os professores necessitam adquirir competências para poderem ajudar os alunos a aprender através dos seus próprios raciocínios e com a máxima autonomia. Os educadores não podem ser apenas transmissores passivos saberes. Em sala de aula é importante o desafiar, provocar, incentivar o raciocínio, a reflexão e a criatividade dos alunos. Afinal, Fonseca (1995, p.359) afirma que “O insucesso escolar não é só falha da criança, é muitas vezes falha do professor”.

Segundo as educadoras entrevistadas,

“As famílias de alguns alunos participam efetivamente de suas vidas escolares, procuram saber sobre as aprendizagens de seus filhos, vêm para a escola quando solicitadas. Porém aquelas famílias em que haveria a maior necessidades de intercâmbio, não comparecem na escola, nem mesmo para buscar o boletim de seus filhos. Estes transferem toda a responsabilidade pela educação de seus dependentes para o sistema de ensino”.

Quando as educadoras foram questionadas sobre o que é necessário para que a inclusão aconteça, a professora Y, respondeu:

Para que a inclusão aconteça no cotidiano escolar são necessárias algumas mudanças no sistema de ensino, mas principalmente uma transformação cultural, precisa mudar a concepção de sociedade, de valores, direitos e deveres, atribuindo mais responsabilidades para a família, que está deixando de cumprir o seu papel, e conseqüentemente está responsabilizando a escola pela educação oferecida a seus filhos. Existem muitos pais que estão mais preocupados com a quantidade de conteúdo escrito (copiado) no caderno de seu filho, do que a qualidade dos conteúdos transmitidos, analisados, debatidos, pesquisados ou argumentados.

A escola é um dos agentes responsáveis pela integração da criança na sociedade, além da família. É um componente capaz de contribuir para o bom desenvolvimento de uma socialização adequada da criança, através de atividades em grupo, de forma que capacite o relacionamento e participação ativa das mesmas, caracterizando em cada criança o sentimento de sentir-se um ser social, um cidadão com direitos e deveres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante considerar que a escola deve valorizar os muitos saberes do aluno, e que seja oportunizado a ele demonstrar suas potencialidades. A escola tem valorizado apenas o conhecimento verbal e matemático, deixando de fora tantos conhecimentos importantes para sociedade. O sentimento de pertença deve ser estimulado. Um indivíduo retraído, não demonstra suas potencialidades que possui. Ao tornar o ambiente escolar acolhedor, aceitando a criança como ela é, e oferecendo-lhe meios para que se desenvolva, pode ser uma garantia de obter sucesso no trabalho em sala de aula.

A escola tem uma tarefa relevante no resgate da auto-imagem distorcida da criança, por ter uma concepção socialmente transmissora de educação e de cultura, que transcende as habilidades educacionais familiares, além da responsabilidade e competência em desvendar para a criança o significado e o sentido do aprender.

A metodologia da escola deve ser adequada, visando o envolvimento de seus alunos. E no momento em que surgir algum problema com algum educando é importante que haja uma mobilização por parte da escola, a fim de que solucionem a possível dificuldade.

Constatamos através da pesquisa de campo, que a prática educacional diverge em vários aspectos da teoria e das políticas públicas. A Legislação prevê aos educandos com necessidades especiais, profissionais especializados para prestar apoio, favorecendo assim, o processo de ensino-aprendizagem. Pois, comprovou-se que cada indivíduo tem capacidade de aprender, porém, dentro do seu ritmo e de suas potencialidades. Mas a atual administração pública não está favorecendo tais apoios necessários para que ocorram aprendizagens significativas. E o professor, dentro de suas possibilidades, trabalha com metodologias, técnicas e recursos para atender as diferentes necessidades e anseios de seus alunos,

desempenhando papéis competentes diante das múltiplas diferenças encontradas em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUMPÇÃO, Francisco Baptista Junior. **Introdução ao estudo da deficiência Mental**. São Paulo: Memnon, 2000.

BRASIL, Lei 9394 de 20 de Dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília. Título II, Art 2º.1996.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, Professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2º ed. Porto Alegre: Artes Médicas,1995.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Inclusão: Compartilhando saberes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

STAINBACK, Susan,STAINBACK, William; **Inclusão: um guia para educadores**; trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ANEXOS

ENTREVISTA

- 1- Quantos alunos têm na sala de aula?
- 2- Existem alunos com Déficit Cognitivo na sua turma? Quantos?
- 3- Quais as dificuldades mais freqüentes apresentadas pelos alunos com Déficit Cognitivo?
- 4- De que maneira você trabalha essas dificuldades?
- 5- O que você entende por Inclusão?
- 6- Você se sente preparada para trabalhar as diferenças em sala de aula?
- 7- A escola dá apoio ao professor para que ocorra verdadeiramente a Inclusão?
- 8- A família participa da vida escolar dos alunos com dificuldades de aprendizagem?
- 9- De que maneira acontece essa participação?
- 10- Na sua opinião, o que é necessário para que a inclusão aconteça?